

## Há mercado para hidrogênio verde?

A Lei nº 14.948/2024, que criou o Rehidro (Regime Especial de Incentivos para a Produção de Hidrogênio de Baixa Emissão de Carbono), prevê isenções, reduções e suspensões de tributos federais no valor de R\$ 18,3 bilhões. O foco são equipamentos e serviços para a produção e comercialização de H2V (hidrogênio verde). A intenção é posicionar o Brasil como exportador do insumo ou de produtos derivados, especialmente em setores industriais de difícil descarbonização, agregando valor à nossa matriz elétrica renovável.

No setor agrícola, há interesse na produção de fertilizante verde, aproveitando o excedente de energia renovável nas horas ensolaradas, em que ocorre o “curtailment” (corte da geração, por excesso de oferta). Questão central: será possível manter a competitividade de custo frente ao fertilizante cinza? No curto prazo, a resposta é quase certamente negativa.

Custo, contudo, não é tudo. A segurança de suprimento ganha peso quando lembramos que grande parte da produção mundial de nitrogenados depende do trânsito pelo Estreito de Ormuz. Sob o prisma da segurança alimentar, investidores britânicos anunciaram a realização de um projeto de fertilizante verde no Paraguai de mais de R\$ 3 bilhões, concebido para aproveitar o baixo custo da energia hidroelétrica. A lição mais relevante que os paraguaios nos dão com esse projeto é que, antes mesmo do início da construção, já existe um contrato de venda de toda a produção de 10 anos (FSP, 08/05/2026).

No setor industrial, é preciso avaliar se, em um mundo acossado por ameaças existenciais, produtos com baixo conteúdo de carbono — quase sempre mais caros — serão valorizados pelos consumidores do Hemisfério Norte. Será que os europeus aceitarão pagar mais pelo aço verde “made in Brazil”?

Há quem aposte que sim. A White Martins, que já comercializa hidrogênio cinza em cilindros transportados por caminhões, inaugurou uma planta de 5 MW em Jacareí, capaz de produzir até 800 toneladas de H2V por ano em operação contínua (FSP, 15/04/2026).

Na direção oposta, a prioridade europeia deslocou-se do “verde” para a “sobrevivência”, por efeito da ameaça russa e da fragmentação do Ocidente. Há quem argumente que isso acelerará a substituição do gás natural russo pelo H2V. Mas é igualmente possível que, diante do alto custo do hidrogênio, a Europa persista importando GNL (gás natural liquefeito) de origens diversas, inclusive dos EUA.

A China, por sua vez, aposta no H2V para reduzir a dependência estratégica do GNL importado. Considerando as realizações chinesas das últimas décadas, é uma boa notícia para o progresso tecnológico e o barateamento de eletrolisadores. Mas não significa, necessariamente, uma oportunidade comercial para o Brasil.

Como a produtividade brasileira dificilmente compete com a asiática, a aposta em produtos de baixa emissão de carbono parecia ser o caminho natural para a revitalização da indústria brasileira. Entretanto, com a nova ordem internacional, é preciso cautela. O Brasil deve evitar que o seu contribuinte acabe subsidiando o H2V para descarbonizar a indústria alheia enquanto o mercado mundial ainda reluta em pagar o preço da sustentabilidade global.

